

Rotina. Na Policlínica de Itacibá, pacientes sofrem com superlotação e demora para atendimento

Aposentada morre por falta de vaga em hospital público

GABRIEL LORDÉLLO

Maria da Penha dos Santos ficou 10 dias internada em policlínica, quando deveria estar numa UTI

DANI COSTA
dcosta@redegazeta.com.br

■ A espera de dez dias por vaga em um hospital foi fatal para a aposentada Maria da Penha dos Santos, 75 anos, moradora de Nova Brasília, Cariacica. Ela morreu na última terça-feira porque não conseguiu ser internada em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

Maria da Penha sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e estava com pneumonia quando foi levada para a Policlínica de Itacibá, em Cariacica. Os médicos que a atenderam acionaram a Central de Vagas da Secretaria Es-

tadual de Saúde (Sesa), mas sem sucesso.

“Por dez dias minha avó foi tratada na policlínica, com médicos tentando o tempo todo uma vaga num hospital com estrutura adequada para o caso dela”, conta a neta, a manicure Mayara Gogge, 21 anos.

Esse tipo de situação agrava um outro problema: pacientes que deveriam ser tratados em hospitais – mas ficam na policlínica por falta de vagas disponíveis – ocupam médicos e leitos que poderiam ser usados para atendimentos emergenciais.

Mesmo com a morte da aposentada, o problema da superlotação na Policlínica de Itacibá não foi solucionado. Ontem foi mais um dia de longa espera por atendimento.

De manhã, os quatro médicos plantonistas não aparece-

ram para trabalhar. “Estou com muita dor, e nada de alguém me atender”, reclamava Oscarina de Vargas, 53 anos.

(Com a colaboração de Daniela Carla, Guido Nunes e Leticia Cardoso)



TRISTEZA. Familiares se consolam no enterro de Maria da Penha (destaque), que morreu esperando por uma vaga de UTI



Caso não foi passado como grave Falta de leito foi parar na Justiça

Secretaria de Saúde alega que policlínica não informou a gravidade do estado da paciente

■ A Sesa informou, por meio de nota, que a Policlínica de Itacibá informou um quadro clínico que não sinalizava a gravidade do caso da aposentada Maria da Penha dos Santos. Assim, a Central de Internação de Urgência ficou em contato permanen-

te para monitoramento, sendo que no dia 14 a policlínica informou que a paciente não se encontrava na unidade.

“Após o retorno da senhora, no dia 16, foi feito o pedido de vaga em UTI, período que coincidiu com a sobrecarga do sistema”, respondeu a Sesa. Ou seja, Maria não pode ser internada por falta de leito. A secretaria informou, ainda, que está investindo em oferta de vagas – no programa Mais Leitos de UTI foram criados, nos hospitais filantrópicos, 96 lei-

tos intensivos.

Já o secretário de Saúde de Cariacica, Paulo Cesar Reblin, explica que a idosa recebeu todo o atendimento possível, e os médicos foram incansáveis na tentativa de conseguir uma internação em hospital do Estado. “Sempre temos pacientes em estado grave que precisa de transferência, mas não conseguimos vagas”, afirma.

Quanto à falta de médicos ontem na Policlínica de Itacibá, a prefeitura garante que buscou resolver o problema. (D.N)

Secretário de Saúde do Estado pode ser multado se não conseguir leito para pacientes

■ O problema da falta de leitos em hospitais estaduais já foi parar na Justiça. Em outubro de 2007, o Ministério Público do Estado (MPES) ajuizou uma ação civil pública, que tramita até hoje, para garantir que o governo estadual disponibilize quantidade sufi-

ciente de leitos para atender à população.

Por conta de uma liminar, a Secretaria Estadual de Saúde pode ser multada se não conseguir vagas para receber pacientes em estado grave em suas unidades. A prioridade é avaliada de acordo com o risco de morte ou de seqüela grave do paciente, segundo o MPES.

Por determinação do MPES, as direções dos hospitais públicos e pronto-atendimentos deveriam encaminhar diariamente a relação dos pa-

cientes que aguardam liberação de vaga. A Sesa é notificada pela Justiça para providenciar imediatamente as internações, seja na rede pública ou na rede privada.

Se não for cumprido, o secretário de Saúde pode ser multado, por paciente, além de multa diária e possibilidade de incursão em crime. Ainda segundo o MPES, todo responsável por omissão está sujeito à penalidades administrativas, cíveis e penais.

(Com informações de Dani Costa)

Sufoco. Paciente com dengue e infecção leva três dias para obter vaga em hospital

Hospital particular atende até em cadeira

Os pacientes reclamam ainda da demora para atender e da emergência superlotada

DA REDAÇÃO MULTIMÍDIA

■ ■ Demora no atendimento, emergência superlotada, pacientes internados recebendo medicação até em cadeiras. Realidade muito conhecida por usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Mas os problemas acima foram relatados por

usuários da Unimed que procuraram assistência no hospital do grupo, o Cias, em Vitória.

Desde a última segunda-feira a aposentada Dilzeth Alves Dias, de 65 anos, estava acomodada na enfermaria do hospital em uma cadeira popularmente conhecida como 'poltrona do papai', recebendo a medicação com soro na veia. Ela está com dengue e infecção urinária. Indignado com a situação, o marido da aposentada Sérgio Dias, consegui na tarde de ontem a transferência da espo-

sa para um apartamento.

INDIGENTE

"Ela paga mais de R\$ 500,00 por mês e está jogada na emergência desde a última segunda-feira como uma indigente. Hoje, depois de muito sacrifício, consegui uma vaga em apartamento. Estou há duas noites sem dormir", desabafa o aposentado.

Outra que vive o mesmo problema é a esposa do aposentado Paulo Roberto Pereira, internada com infecção na medula. Desde a última de terça ela aguarda por

uma vaga em apartamento no mesmo tipo de cadeira. De acordo com Paulo, ainda há três pacientes na frente da mulher, na fila de espera. O aposentado se revolta ao dizer que nem as cartas de reclamação que envia para a Unimed não são respondidas.

"Minha esposa tem uma doença rara e precisa de atendimento especial. Toda medicação dela é feita na veia. Ela está super nervosa pois essa é a quinta vez que passamos pelo mesmo problema. Estou com medo dela pegar uma infecção mais grave ain-

da. Na enfermaria os pacientes estão misturados. Não se sabe o que eles têm", relata Paulo.

A engenheira Cerli Salarolli deu entrada no pronto socorro do Cias às 9 horas de ontem apresentando todos os sintomas da dengue. Devido ao quadro ela teve que receber medicação na veia e ficar no soro. Após ser liberada, contou que a cena da enfermaria é deprimente. "Os enfermeiros não dão conta de atender aos pacientes. As salas estão todas superlotadas". (Leticia Cardoso)

Sem vagas, Cias transfere pacientes

Nos casos em que é preciso internação, os usuários vão para outros centros credenciados

■ ■ O diretor de Provimento de Saúde da Unimed Vitória, Márcio Oliveira Almeida, afirma que quando não há vagas disponíveis no Cias, os pacientes que estão no pronto-socorro e precisam de internação são transferidos para outros hospitais credenciados para atendimento aos usuários da Unimed.

"Os pacientes só ficam mais tempo quando insistem em ficar internados no Cias, por uma questão de proximidade com a

residência ou preferência pelo atendimento. Não tenho informação de que alguém ficou mais do que algumas horas no pronto-socorro", afirma Almeida.

Segundo médico são atendidos por mês, no pronto-socorro do Cias, cerca de 12 mil pessoas. Porém, cerca de 80% destes não necessitariam de consulta de urgência. "Deveriam procurar os consultórios médicos", destaca. Ele salienta ainda que nos últimos meses aumentou a procura por atendimento para doenças como dengue e gastroenterite, mais comuns no verão. Em novembro o Cias atendeu 34 pessoas com suspeita de dengue. Em fevereiro o número passou para 308. (Daniela Carla)

Usuários vão a hospitais até para consultas simples

O aumento dos pacientes com planos e o surto de dengue têm superlotado as unidades particulares

■ ■ Surto de dengue, pessoas que deveriam procurar os consultórios médicos e mais usuários de planos de saúde. Essas situações estão lotando os pronto-socorros privados. O Sindicato dos Hospitais Particulares (Sindhés) reconhece o problema, mas afirma que não há prejuízo no atendimento.

"Qualquer surto acaba lotando os hospitais, mas ninguém fica no corredor. Para quem está passando mal,

uma hora de espera é motivo de reclamação. Cada vez mais pessoas têm plano de saúde, o que aumenta a demanda por leitos" diz o presidente do Sindhés, Remigildo Gava Milanez.

Ele não forneceu números que apontem o aumento na quantidade de usuários, mas explicou que o Ministério da Saúde preconiza um leito de hospital privado para mil habitantes. "Na Grande Vitória há 500 mil usuários e mil leitos na rede privada."

O diretor-clínico do Vitória Apart Hospital, José Monteiro de Souza Neto, destaca que a lotação ocorre porque muitos pacientes não mar-

cam consultas. "As pessoas saem do trabalho para o pronto-socorro com problemas que poderiam ser resolvidos em consultório", aponta.

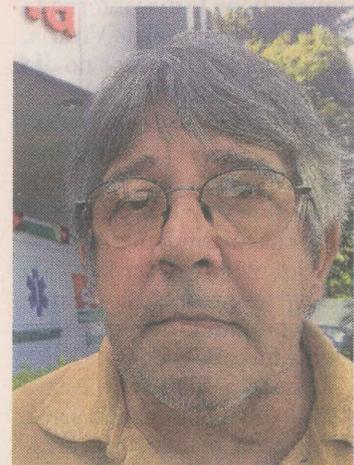
A assessoria do Hospital Metropolitano informou que, por causa do surto de dengue, houve uma procura maior no pronto-atendimento e o número de internações aumentou. Na semana passada 96% dos leitos da unidade foram ocupados. A assessoria do Hospital Meridional disse que a falta de leitos foi agravada pelo surto de dengue. Além disso, muitos pacientes deveriam procurar primeiro os consultórios. (Daniela Carla)

Revolta



“Dói muito passar por uma situação como esta. É uma realidade que dói, e muito, em nosso bolso”

CERLI SALAROLLI
ENGENHEIRA



“Ela paga mais de R\$ 500,00 por mês ao plano e está jogada na emergência do Cias como uma indigente”

SÉRGIO DIAS
APOSENTADO